

CORPOS NEGROS FEMININOS: POSSIBILIDADES E IMPOSSIBILIDADES NA DANÇA CLÁSSICA¹

Deise da Silva Martins²
Fernando M C Ferraz³

RESUMO

A partir da análise de obras sobre a presença do corpo negro nos espaços de ensino e profissionalização do Ballet Clássico, esse estudo deseja tecer considerações sobre a continuidade de padrões de branqueamento no campo da dança. A partir de uma revisão bibliográfica, transitando entre abordagens que interseccionam gênero e raça, apresenta uma breve reflexão sobre a presença da mulher negra na sociedade, bem como, elabora uma análise sobre os desafios anti-racistas no campo da dança. Para tanto nos auxiliam autores como Anjos, Oliveira e Veraldi (2015); Anunciação (2020); Jesus (2020), Moura (2001) e Gottschild (2012) na percepção do corpo negro no balé, bem como, Kilomba (2019), Carneiro (2011) e Guimarães (2009) na percepção dos entraves étnicos raciais para a compreensão do racismo em nossa contemporaneidade. O trabalho evidencia os modos de exclusão da mulher negra na sociedade em geral e no campo da dança clássica em particular, a partir das expectativas criadas e reproduzidas que reificam a manutenção da branquitude, dificultando acessos aos corpos de mulheres racializadas.

Palavras-chave: Corpos, Mulher negra, Ballet Clássico, Racismo.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste estudo é propor uma reflexão sobre a presença do corpo negro no ambiente do Ballet Clássico. A partir de análise bibliográfica, transitando entre abordagens que interseccionam gênero e raça, bem como, contribuições de feministas ativistas negras que discutem sobre a presença da mulher negra na sociedade, elaborar uma reflexão sobre os desafios anti-racistas no campo da dança.

A metodologia empregada apoia-se na pesquisa bibliográfica, pautada na coleta de dados já existentes através de livros, dissertações, reportagens e artigos. Gil (2008, p. 50) fala que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida através de material já elaborado, constituído principalmente livros e artigos científicos.” Ele ainda relata uma vantagem deste tipo de pesquisa que é ter acesso a uma amplitude de discussões, que em outros casos seria feito de maneira mais direta. Coletando dados espalhados, possibilitando o pesquisador mapear as

¹ "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

² Mestranda da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, d235744@dac.unicamp.br.

³ Professor da Escola de Dança e do Programa de Pós Graduação em Dança da UFBA, fferraz@ufba.br

contribuições na área, fazendo assim um compilado de informações e proporcionando uma discussão mais ampla e justa. Vale dizer que esse estudo necessita atentar-se a abordagens que contemplem o tema interseccionalmente, trazendo à baila discussões de gênero, raça, classe, idade, sexualidade, capacitismo e demais marcadores que possam influenciar na pesquisa.

Para tanto, inicialmente destacaremos uma breve fortuna crítica sobre as pesquisas desenvolvidas acerca da presença de corpos negros na dança clássica. No Brasil aos poucos dissertações e artigos começam a abordar o tema, como a pesquisadora Lindete Souza de Jesus que desenvolveu um trabalho intitulado, *Eu preto na sociedade fazendo cabriole*, no qual ela elabora um olhar biográfico sobre Luiz Bokanha, um bailarino negro soteropolitano que construiu sua carreira a partir dos anos 70, enfrentando episódios de racismo cotidianos (KILOMBA, 2019) nos quais os sujeitos racializados veem-se colocados como a personificação do Outro estigmatizado.

A autora narra experiências sofridas por seu interlocutor bem como suas estratégias de superação para ser reconhecido como sujeito, artista da dança. Lindete associa essas lamentáveis histórias às discussões de autores que fazem uma análise mais minuciosa sobre o racismo, tais como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Silvio Almeida, Conceição Evaristo, dentre outros não menos importantes. Há um destaque no espaço de tempo entre alguns episódios e outros, porém as práticas permanecem, Lindete pontua sobre as lutas que foram necessárias para termos algum pequeno avanço, e das lutas que, infelizmente, ainda terão que haver, para não perdermos o que já foi conquistado e também para garantirmos os direitos oferecidos pelo Estado à toda população.

Outro pesquisador que consideramos importante destacar, foi Gleidison Oliveira da Anunciação, também conhecido como Guego da Anunciação, que desenvolveu uma pesquisa, tendo como tema: O corpo negro no Ballet Clássico: *Dance Theatre of Harlem e suas práticas insurgentes*. Guego faz questão de enfatizar sobre a importância do tema abordado, já que tem sido uma temática pouco falada até então, principalmente sobre o Ballet Clássico. Ele inicia falando sobre os significados atribuídos a palavra negro e a expressão, corpo negro, refletindo sobre os significados pejorativos a ela associados, responsáveis por manter conotações de cunho racista. O autor traz considerações sobre a história do Ballet Clássico até indicar a atuação do renomado bailarino Arthur Mitchell nos Estados Unidos.

O autor questiona a ausência de corpos negros praticando essa arte, evidenciando aí uma exclusão, tendo em vista que o Ballet Clássico foi/é uma prática direcionada para pessoas brancas e com uma estrutura corporal que reproduz um determinado padrão, longilíneo e magro. Essa imagem é historicamente construída a partir do estereótipo da estética dos contos

tradicionais da dança clássica. Arthur Michel, um grande bailarino na sua época, que participou de grandes companhias de Ballet Clássico, tornou-se mundialmente famoso ao propor uma Companhia de Ballet Clássico exclusiva para pessoas negras, já que nas outras companhias a presença de pessoas negras era praticamente impossível. Dentre alguns estudos e análises que Anunciação faz sobre a Companhia, conclui que a *Dance Theatre of Harlem* (DTH) teve grande importância e se tornou “[...] símbolo de resistência negra, de quebra de barreiras, de quilombo, de ressignificações e de insurgência no ambiente racista e excludente que o balé clássico está enraizado.” (2020, p. 382). Importante destacar o episódio que impulsionou Arthur Michel a fundar a Companhia de Ballet, que foi o assassinato de Martin Luther King. A atuação do artista criou impactos positivos, oferecendo oportunidades para as crianças do Harlem projetarem pela arte outros futuros.

Nessa mesma Companhia (DTH) proporcionou que Bethânia Gomes, uma mulher negra e brasileira pudesse se tornar primeira bailarina (cargo mais alto na profissão). Nos anos 1990, ela é aprovada como aprendiz, até que após dois anos ingressa como componente do grupo e em 2001 é escolhida a participar do cargo mais alto da companhia internacional, já que no Brasil não foi possível sequer adentrar neste espaço de maneira profissional (PINTO, 2021).

Duas autoras que também consideramos importante trazer para discussão sobre o tema, são, Marcela Renata Costa Silvério (2020) e Mariana Alves Prazeres dos Santos (2015), a primeira desenvolveu uma pesquisa durante sua formação em um curso de especialização na USP, intitulado como: O corpo negro e o estereótipo da bailarina. No trabalho ela faz uma reflexão sobre a ausência da mulher negra no Ballet Clássico, questiona sobre a baixa presença dessas mulheres nos palcos, a falta de representatividade, inclusive como professoras desta dança. Marcela fala também sobre a formação do corpo de uma bailarina, o estereótipo e o imaginário deste mesmo corpo que permanece até os tempos atuais. A partir da sua trajetória e das histórias das bailarinas Eros Volúcia e Mercedes Baptista, Mariana desenvolve sua dissertação (defendida na UFRJ) buscando compreender, através de referenciais teóricos e entrevistas com profissionais da área, algumas formas de racismo que foram construídas dentro do Ballet Clássico, as diferenças de relações entre pessoas brancas e pessoas negras, e principalmente as relações sociais construídas dentro deste ambiente. A pesquisa evidencia como o modelo padrão europeu se tornou parâmetro para fazer parte do ballet, assim como as estruturas de poder, os controles dos corpos e das emoções dessas pessoas que fazem parte do ambiente da dessa dança clássica.

Outro trabalho de grande relevância é o livro Joan Myers Brown & the audacious hope of the black ballerina da historiadora negra estadunidense Brenda Dixon Gottschild. A autora

relata os desafios enfrentados pela artista a desafiar as expectativas racistas sobre a performance de uma expressão artística moldada historicamente pela aristocracia europeia. Resiliência, profissionalismo, energia e uma boa dose de atrevimento são necessários para burlar os acessos limitados de uma forma de arte que se mantém elitista para aqueles e aquelas que desejam segui-la profissionalmente.

Esses autores se preocupam, assim como nós, com os corpos negros que se sentem atraídos pela arte, pela dança, pelo Ballet Clássico, porém, essa preocupação só existe devido ao racismo e às práticas racistas que perseguem, condenam e excluem esses corpos negros dos ambientes que foram determinados como exclusividade para brancos. Inserido na cultura brasileira através de europeus chegados no país, o Ballet Clássico foi e ainda é almejado por adultos e crianças como uma afirmação da feminilidade e padrão estético corporal, meninas se tornariam delicadas e magras, assim como os meninos praticando futebol reafirmariam sua identidade de gênero masculina. Já que o ballet clássico formalmente é indicado na formação das meninas em idade escolar, pensando a partir do gênero e não da raça, meninas negras também se colocam no lugar de interesse de acesso neste espaço. Considerando que Ballet Clássico é uma atividade que de certa forma tem uma disponibilidade em espaços variados, como nas escolas regulares na função complementar, projetos sociais, além de oferecimento de bolsas em algumas escolas privadas, daí então, podendo despertar interesse em transformar essa atividade em profissão. Infelizmente tal encaminhamento não ocorre igualmente com os meninos, devido a misoginia são impedidos de acessar a formação nessa arte.

Segundo pesquisas do IBGE (2018), na Bahia, mais de 80% da sua população se autodeclara preta e parda (negra), o que nos leva a observar que é um dos estados que abriga uma das maiores populações autodeclaradas negras. Em Salvador, capital baiana, o número não se encontra muito distante do número do estado, tendo como resultado aproximadamente 83% da população negra.

Com o avanço da tecnologia e a facilidade de acessos para uma grande parte da população mundial, temos a oportunidade de presenciar inúmeros acontecimentos, um dos quais são registrados com certa frequência, são os casos de racismo contra a população negra e principalmente pobre. Acompanhamos invasões nos bairros periféricos, desrespeito nos ambientes de trabalho, agressões nas ruas, exclusões nas escolas, dentre tantos outros acontecimentos que infelizmente temos testemunhado através da mídia, principalmente nas redes sociais, que cada vez mais vem ganhando destaque no mundo de várias maneiras. As mídias têm sido utilizadas como provas em acusações de racismo, situação recorrente no cotidiano. A partir do momento que temos consciência do que significa o racismo,

minimamente, passamos a ver tal prática diariamente, em inúmeros ambientes que frequentamos.

O termo racismo vem da palavra raça, como foi determinado, erroneamente, pela ciência produzida por pessoas que não eram negras e que viam os seres humanos de pele retinta, como humanos “incompletos”, não desenvolvidos o suficiente para conviver com os demais. Achille Mbembe argumenta:

a raça não existe enquanto fato natural físico, antropológico ou genético. A raça não passa de uma ficção útil, de uma construção fantasista ou de uma projeção ideológica cuja função é desviar a atenção de conflitos antigamente entendidos como mais verossímeis - a luta de classes ou a luta de sexos, por exemplo. Em muitos casos, é uma figura autônoma do real, cuja força e densidade podem explicar-se pelo seu carácter extremamente móvel, inconstante e caprichoso. (MBEMBE, 2014, 26 e 27)

Pensando na nossa realidade (Brasil), a classificação das raças acontece conforme a aparência física, cuja estética se baliza por padrões fenotípicos europeus – que determinam a maneira que aquele ser humano é visto pela sociedade. Não apenas a descendência, mas sim as características aparentes, quanto mais as feições físicas se aproximarem de traços negros-africanos, mais essa pessoa sofrerá discriminação racial. Antônio Sergio Alfredo Guimarães traz uma discussão acerca desse assunto, onde ele reúne posicionamentos de diversos outros autores para falar sobre o formato do preconceito no Brasil, pelo fato dos negros não serem reconhecidos pela descendência, mas sim pela aparência física, que racializa o fenótipo. Devemos levar em conta, também, que a identidade étnico-racial brasileira foi construída influenciada pelas estratégias de branqueamento das populações de descendência africanas, diferentemente dos Estados Unidos, cuja definição racial dos africano descendentes, independe da tonalidade da cor ou a textura do cabelo. Guimarães analisa que,

Com a substituição da ordem escravocrata por outra ordem hierárquica, a “cor” passou a ser uma marca de origem, um código cifrado para a “raça”. O racismo colonial, fundado sobre a ideia da pureza de sangue dos colonizadores portugueses, cedeu lugar, depois da independência do país, à ideia de uma nação mestiça (Skidmore, 1993; Wright, 1990; Wade, 1993), cuja cidadania dependia do lugar de nascimento, (a nossa “naturalidade”) e não de ancestralidade. (2009, p. 48)

Continuando o assunto sobre estética fazemos para discussão, a visualidade voltada para o Ballet Clássico, levando em consideração os padrões que permeiam o ambiente da dança de uma maneira geral.

A escritora francesa, Isabelle Launay, decide investigar o que acontece no trajeto de dançarinos durante a formação, ela entrevista algumas pessoas e acaba levantando vários questionamentos sobre as imposições feitas aos corpos que dançam nessa perspectiva profissional. Ela traz relatos de pessoas que estudaram dança, e quais suas percepções durante essa formação, a pressão sofrida por conta de cobranças, a quebra do real significado de dançar, a dança acaba se tornando uma série de regras a serem cumpridas. Ao analisar a formação de uma pedagogia do movimento disciplinarizada a autora demonstra como uma série de normativas prevalecem sobre o corpo do dançarino, importando mais que a própria escuta de seus ritmos internos.

Espaços de aprendizagem separados, empregos dos tempos corporais distribuídos, hierarquização dos níveis, exames, obediência, vigilância e auto-vigilância formatam o corpo do outro, utopia do “dançarino”. A meticulosidade do treinamento tornando um ritual não interrogado, aliado à rigorosa programação da cerimônia, fabricam tecnicismo cruel do prazer de dançar. (LAUNAY, 2003, p.110)

Nos depoimentos dos estudantes de dança e nas palavras de Launay, fica evidente qual corpo seria adequado para um dançarino profissional. O que importa nesse corpo é estar padronizado, independente das individualidades, afetando essas pessoas física e emocionalmente. Em uma das histórias trazidas, das relações entre professor e aluno e aluno e seu corpo, podemos notar o quanto tais exigências podem atingir os dançarinos, “Estive anoréxica, mesmo que eu não tenha ido ao médico para ver isso. Minha mãe estava muito inquieta [...]. Havia essa atração sem aprofundamento por uma imagem de corpo ideal para a dança.” (2003, p. 98)

Isabelle traz, também, Foucault como referência, quando o mesmo fala sobre os corpos dóceis em seu livro *Vigiar e punir*, esse adestramento do corpo justificado por uma supremacia que impõe uma falsa homogeneização dos corpos e conseqüentemente, exclusão, já que não é possível todos serem iguais, “O corpo disciplinar da utopia invadiu o sonho do dançarino. Anorexia do corpo, anorexia da relação, dança tornando anoréxica, não são senão os reversos de uma bulimia de controle e dominação” (2003, p. 111)

Desde seu surgimento, o Ballet Clássico seleciona bailarinas com perfis estipulados como adequados para execução dos movimentos, tanto tecnicamente, como um corpo flexível

e forte por exemplo, quanto cultural e esteticamente, como um corpo alto, magro, com alinhamentos e extensões físicas pré-determinadas, conhecimentos da língua francesa e a pele clara. Esse corpo tem como referência, historicamente, os corpos europeus. Mas como seria essa estética corporal? Refletindo sobre o período romântico, quando o ballet teve uma grande reviravolta com relação à atuação feminina dos palcos, Moura (2001) diz, em sua dissertação de mestrado, que a palidez no rosto era algo ideal para o ballet romântico, que passava a impressão que a mulher era doente, frágil, e assim precisaria ser protegida, além de indicar ter uma alma pura, podendo oferecer um amor incondicional.

Anjos, Oliveira e Veraldi acrescentam que:

Esse novo tipo de balé, que praticamente expunha a idealização feminina esperada pela sociedade da época, ainda perdura na atualidade, visto que os grandes balés de repertório são encenados até hoje e requerem quase o mesmo biótipo do passado, ainda que as exigências em relação ao condicionamento físico acrescentem à magreza a quase obrigatoriedade do desenvolvimento muscular o que resulta na formação de bailarinas magras, porém com estrutura física forte. (2015, p. 440)

Existe uma forte exigência nas escolas promotoras de tal dança, tanto para profissionais quanto para pessoas que praticam de maneira não profissional, algumas características físicas são vistas como características principais para esta prática artística, levando a sociedade internalizar um estereótipo padronizado e preconceituoso.

Às bailarinas clássicas exigia-se – como se exige até hoje, um corpo magro (até mesmo esquelético), longilíneo, sem muitas curvas que denunciasses a mulher dentro do tutu. As exigências aos profissionais passaram a fazer parte do discurso de todos os que atuam na área, em estilos e linguagens de dança diferentes. Em uma sala de aula, pouco importa quem queira dançar profissionalmente, as meninas que ali estão, têm de ser brancas, magras, de quadris estreitos e coxas finas. É importante ressaltar que o biótipo físico requerido corresponde ao padrão euro-americano de corpo – e em países como o Brasil, grande número de meninas terão dificuldade (quando não for completamente impossível) em corresponder a tal imagem. Mas muitas tentam, incentivadas por seus professores/as. E mais tarde, por sua vez, algumas tornar-se-ão professoras. (MOURA, 2001, p. 9).

Quando não se tem tais características – o corpo – é visto como inapropriado ou incapaz, para desenvolver as habilidades exigidas pela técnica do Ballet Clássico. Se para uma mulher

poder fazer parte desse meio, seja necessário ter essas características, como a mulher negra seria/é vista neste ambiente?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observando a noção propagada sobre o corpo “perfeito” para se praticar o Ballet Clássico, e levando em consideração o perfil físico da mulher brasileira, cuja descendência africana é muito evidente, pode-se constatar que a mulher negra não se encaixa nos padrões exigidos. Ao contrário do corpo euro-americano, o corpo, cuja descendência é africana, consiste, geralmente, em uma estrutura mais vasta, contendo curvas, pele retinta, quadris largos e coxas grossas. Ainda que a mulher negra consiga desenvolver tais habilidades técnicas, sua aparência física não permite que ela seja bem vista aos olhos tradicionais dos profissionais ou admiradores do Ballet Clássico.

É notório o desejo pela fantasia da fragilidade da mulher no Ballet Clássico, o que se acredita adequar-se melhor ao padrão historicamente exigido na dança a ser celebrado e transmitido, uma fragilidade ligada à uma pele clara e pálida, o que coloca a mulher negra distante de tal definição. Tal expectativa ao ser direcionada aos corpos de mulheres negras, muitas vezes, chocam-se com as projeções que a branquitude despeja sobre esses corpos, tornando-a uma mulher não frágil, muito menos delicada. Sueli Carneiro fala sobre essa fragilidade atribuída somente às mulheres brancas.

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas com frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalham durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados.

[...] Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (2011, s/p)



Sueli não fala apenas da fragilidade da mulher, mas também de tantas outras definições que foram atribuídas às mulheres pelos homens, porém, ela também questiona de quais mulheres estão falando. Ela cita exemplos dessas definições, como, rainha do lar, boa aparência para emprego, a mulher feita da costela de Adão, dentre outros problemas pontuados pelo feminismo negro merecedores de mudanças, mas que se referem somente à mulher branca. Como se a mulher negra também não fosse uma mulher.

Outro nome que podemos citar aqui, que defendeu a mulher negra como uma mulher, foi Sojourner Truth, uma abolicionista e ativista do direito das mulheres, Sojourner, uma mulher negra estadunidense, nasceu em 1797 como Isabella Baumfree em um cativo em New York, Isabella adotou o nome de Sojourner Truth em 1843. Sojourner teve um discurso que ficou mais conhecido, feito na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio, em 1851.

Em seu discurso, *'Ain't I a Woman?'* ela fala sobre características que são comumente atribuídas entre as mulheres, porém, mulheres brancas, o que a faz questionar se ela não seria uma mulher por não contemplar tais características. Ela traz exemplos de comportamentos frágeis femininos que precisam de cuidados, porém, nunca lhe foram destinados, o que a faz questionar se ela mesma não seria uma mulher?

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? (TRUTH, 1851, s/p).

A exclusão da mulher negra na sociedade fica cada vez mais evidente, a partir das expectativas criadas e reproduzidas sobre as mulheres brancas, as quais tem acesso a alguns tratamentos, já a mulher negra não é nem reconhecida como merecedora dos direitos mais básicos. Apesar dos séculos que separam as considerações de Sueli e Sojourner ambas expõem a subjetivação violenta que mulheres negras estão sujeitas na sociedade, na qual o racismo e o sexismo são determinantes e afetam sua sobrevivência e convívio de modo geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a hipótese de que o Ballet Clássico é considerado uma arte pertencente a elite branca, pois, numa perspectiva de atuação profissional, geralmente exige um investimento financeiro maior e ainda reproduz uma série de expectativas excludentes, nota-se que, embora

presente no imaginário social e sendo mais divulgado que outros fazeres de dança, dificilmente poderá ser acessado enquanto carreira artística pelas mulheres negras sem grandes percalços.

Entende-se que mesmo que o ballet tenha nos últimos anos experienciado avanços no que se refere ao seu acesso, como por exemplo, produzir sapatilhas de cores diferentes (questionando a naturalização de termos associados à “cor de pele” para referir-se a padrões brancos), fazer contratações temporárias de pessoas negras em companhias oficiais, ele ainda continua resistente à diversidade, principalmente com as mulheres, reprimindo seus corpos, seus cabelos e suas cores.

Embora haja inúmeros fatores negativos que acompanham a trajetória de uma mulher negra dentro do ambiente do Ballet Clássico, podemos considerar que a mesma poderá escolher permanecer ou se retirar, entendendo que o que determina o acesso a tal prática não é o biológico e nem o demográfico, pois, segundo Laraia (2003, p. 62) “[...] a criança está apta ao nascer a ser socializada em qualquer cultura existente”, o que vai determinar sua capacidade é o acesso ao aprendizado sistematizado e o oferecimento de oportunidades justas.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Kátia Silva Souza dos; OLIVEIRA, Régia Cristina; VELARDI, Marília. **A construção do corpo ideal no balé clássico: uma investigação fenomenológica**. [artigo]. São Paulo – SP: Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades; 2015

ANUNCIAÇÃO, Gleidison. **O corpo negro no Ballet Clássico: Dance Theatre of Harlem e suas práticas insurgentes**. In: CONRADO, A.; ALCÂNTRA, C.; FERRAZ, F.; PAIXÃO, M. L. (Orgs). *Dança e Diáspora Negra: Poéticas políticas, modo de saber e epistemes outras*. Salvador-BA, ed.: ANDA, 2020, p. 372 – 33.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero** 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 29/09/2021.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo, Summus, 2011.



COLLINS, Patricial Hill. **Pensamento Feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo. Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. “**Racismo e sexismo na cultura brasileira**”. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, pp. 223-244.

GOTTSCHILD, Brenda Dixon. **Joan Myers Brown and the audacious hope of the clack ballerina**. New York: Palgrave Mcmillan, 2012.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: A educação com prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

IBGE: Salvador é a capital mais negra do Brasil. Bahia Econômica, 2018. Disponível em: <https://bahiaeconomica.com.br/wp/2018/11/19/ibge-salvador-e-a-capital-mais-negra-do-brasil-e-tambem-onde-esta-maior-desigualdade-salarial-entre-brancos-e-pretos/>. Acesso em: 28/08/2021.

JESUS, Lindete Souza de. **Eu preto na sociedade baiana fazendo cabriole**. In: CONRADO, A.; ALCÂNTRA, C.; FERRAZ, F.; PAIXÃO, M. L. (Orgs). *Dança e Diáspora Negra: Poéticas políticas, modo de saber e epistemes outras*. Salvador-BA, ed.: ANDA, 2020, p. 356 – 371.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano/Grada Kiloma**; tradução Jess Oliveira. 1. Ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LAUNAY, Isabelle. **O dom do gesto**. In: GREINER, Christine; AMORIM, Cláudia. (Orgs). *Leituras do Corpo*. São Paulo: Annablume, 2003, p. 89 - 117.



MBEMBE, Achille. **A questão da raça. Crítica da razão negra.** 1ª Ed. Lisboa: Antígona, 2014.

MOURA, KCF. **Essas bailarinas fantásticas e seus corpos maravilhosos: existe um corpo ideal para dança?** [dissertação]. Campinas – SP: Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação; 2001.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 1ª Edição.

PINTO, Tania Regina. Bethânia Gomes, bailarina: “expulsa no Brasil, top no exterior. Primeiros Negros, 2021. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/bethania-gomes-bailarina-expulsa-no-brasil-top-no-exterior/>. Acesso em: 17/05/2022.

SANTOS, Mariana Alves Prazeres dos. **Discriminação e preconceito no Universo do balé clássico** [dissertação]. Rio de Janeiro – RJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; 2015.

SILVÉRIO, Marcela Renata Costa. **O corpo negro e o estereótipo da bailarina** (TCC). São Paulo – SP: Universidade de São Paulo. Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes; 2020.

TRUTH, Sojourner. Speech Entitled “*Ain’t I a Woman?*”, Delivered at the 1851 Women’s Convention in Akron, Ohio. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/> Acesso em: 06/09/2021.

Uma em cada 5 pessoas na Bahia se declara preta, aponta IBGE. Globo G1, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/05/22/uma-em-cada-5-pessoas-na-bahia-se-declara-preta-aponta-ibge.ghtml> Acesso em: 28/08/2021.